

## A medicalização do fracasso escolar: concepção de professoras do ensino fundamental

Rejane Abadia de Alvarenga<sup>1</sup>

Janaina Cassiano Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo refere-se a uma pesquisa de mestrado em Educação, em andamento, que traz a preocupação com o processo de medicalização na educação. Objetivamos com o trabalho analisar as concepções dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do processo de medicalização do fracasso escolar. Desse modo, os participantes do estudo foram os professores do primeiro, segundo e terceiro anos desta etapa, de uma escola municipal localizada em uma cidade do sudeste goiano. Os dados coletados estão sendo analisados à luz da Teoria Histórico-Cultural. Neste artigo apresentamos a fase inicial da análise, ou melhor, das discussões acerca da dimensão que toma os aspectos considerados pelas professoras como problemas no trabalho escolar. Até o momento, notamos que, na percepção das professoras, sobre seu trabalho atualmente, foi dada maior ênfase a problemas de estrutura e organização administrativa e que estes problemas é que impedem a efetividade do processo educativo.

**Palavras-chave:** Medicalização, Fracasso escolar e Concepção docente.

### Introdução

O presente artigo trata de uma pesquisa de Mestrado em Educação<sup>3</sup>, em andamento, que mostra a preocupação com o processo de medicalização na Edu-

---

1 Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação. Contato: rejanealvarenga@hotmail.com

2 Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, docente no IBiotec e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Contato: janacassianos@gmail.com

3 A pesquisa está registrada e autorizada pelo Comitê de Ética sob o número: CAAE: 47903415.4.0000.5083 e CEP: 1192266.

cação, mais precisamente com a medicalização do fracasso escolar. Tal discussão tem se tornado algo de preocupação pública, já que muitas vezes os problemas de aprendizagem **atribuídos** às crianças são diagnosticados e tratados com o uso indiscriminado de medicamentos. Tem sido discutido como profissionais das áreas da saúde e educação, quando frente a problemas no processo escolar, tomam determinado posicionamento, transferindo e/ou reforçando à área médica a responsabilidade para com esses problemas, de modo a patologizar aspectos do comportamento social dos indivíduos, se atendo apenas a sintomas e posteriormente estes sendo tratados com prescrição exagerada de medicamentos.

Há décadas o fracasso escolar vem sendo pesquisado em cenário brasileiro e estrangeiro. Um exemplo é o trabalho de pesquisa de Maria Helena Sousa Patto (PATTO, 2008), realizado no final da década de 1980, que traz todo um percurso histórico sobre o tema em terreno estrangeiro e nacional, e que ainda considerou como campo empírico a realidade escolar na periferia de uma cidade brasileira, em que a autora traz discussões sobre um fracasso escolar considerado como centrado na criança. Assim, algo preocupante tem acontecido, quando se trata do enfrentamento da problemática do fracasso em idade escolar. Tem ocorrido certa tendência em **diagnosticar** o fracasso como sendo de ordem biológica, o que tem sido atualmente denominado pelo meio acadêmico **medicalização do fracasso escolar**. Meira (2012) nos esclarece que medicalização é

o processo por meio do qual são deslocados para o campo médico problemas que fazem parte do cotidiano dos indivíduos. Desse modo, fenômenos de origem social e política são convertidos em questões biológicas, próprias de cada indivíduo (MEIRA, 2012, p. 136).

Tal posicionamento diante do fracasso na Educação e fora dela não é recente, parece se apresentar sob nova roupagem como afirma Souza (2011, p. 63), que atualmente “aspectos biológicos voltaram a ser considerados como aqueles que estariam nas bases dos problemas pedagógicos”. Ainda segundo a autora, esse tipo de comportamento poderia se explicar no fato de que a escola é parte de uma sociedade que estabelece padrões culturais, econômicos e sociais, e como tal tende a reproduzir o que se espera como certa **normalidade** de comportamento do indivíduo, por isso tem dificuldade em aceitar o que se mostra como diferente a esses padrões (SOUZA, 2011).

Deste modo, o objeto do presente estudo, é fruto de questionamentos anteriores em relação a como têm sido tratados os problemas no processo de escolarização. Uma preocupação que tem ganhado forças atualmente, no campo da Psicologia Escolar e da Educação propriamente dita. Ressaltando esse problema Meira (2012, p. 136, grifos da autora) reitera que “atualmente estamos vivendo

uma *epidemia* de diagnósticos e conseqüentemente uma *epidemia* de tratamentos”. Situação que se mostra como produto de interesse capitalista, mais precisamente farmacêutico, com a contribuição dos progressos tecnológicos, em muitos casos do conhecimento científico produzido a esse propósito e do anseio de uma sociedade imediatista.

Diante do exposto trabalhamos com o seguinte questionamento: Quais são as concepções dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do processo de medicalização do fracasso escolar? Acreditamos que não há conhecimento dos docentes a respeito da medicalização do fracasso escolar e que a ausência deste pode contribuir para a reprodução de discursos e comportamentos medicalizantes em ambiente escolar. Assim sendo, nosso objetivo principal é analisar as concepções dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do processo de medicalização do fracasso escolar tendo como referencial a Teoria Histórico-Cultural. A escolha deste referencial se justifica por este tratar o desenvolvimento do indivíduo como um processo contextualizado que considera uma série de aspectos com os quais o sujeito dialoga. Ou seja, trata do desenvolvimento humano de maneira integral.

O espaço selecionado para a pesquisa foi uma instituição de Ensino Fundamental, da rede municipal de educação de um município do sudeste goiano. A instituição selecionada foi a que atende alunos da primeira etapa do ensino fundamental, mais precisamente, o 1º, 2º e 3º anos. Logo, os participantes deste trabalho foram as professoras<sup>4</sup> dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ademais, apresentaremos aqui as discussões iniciais mediante as informações coletadas sobre as concepções das professoras a respeito da medicalização do fracasso escolar, procurando fazer uma análise junto a teoria histórico cultural e as discussões sobre fracasso escolar. Mais especificamente, já que nos encontramos na fase inicial desta etapa, trataremos aqui das discussões acerca da dimensão que tomam os aspectos considerados pelas professoras como problemas no trabalho escolar. Inicialmente, apresentaremos as discussões a respeito da problemática do processo de medicalização do fracasso escolar atualmente, ou seja, como este considera e se apropria de alguns elementos do processo de desenvolvimento/aprendizagem como justificativas para o não aprender e o impacto disso na escola, para em seguida tratar da compreensão de desenvolvimento e aprendizagem como considerada pela Teoria Histórico Cultural, mais precisamente, como compreendida por alguns de seus principais autores e em seguida passaremos aos resultados e análise.

---

4 Não tivemos como participantes pessoas do sexo masculino.

## Medicalização do fracasso escolar e as teorias sobre desenvolvimento e aprendizagem

atualmente se faz presente nos discursos oficiais, tanto em cenário internacional como nacional, a crítica a patologização e medicalização da vida, com esforços e iniciativas de países como Argentina, Brasil, Espanha, Portugal, França, Chile e México, que vão na contramão do processo de medicalização da vida e educação (UNTOIGLICH, 2014). Em se tratando do progresso e difusão da medicalização mundialmente, é certo que atualmente vivemos um exagero na produção de diagnósticos clínicos, e que o processo de medicalização “ganha” espaço em meio educacional nos anos de 1980. A medicalização se desenvolve em contexto escolar a partir de discursos que voltam o olhar para os problemas no processo de escolarização, problemas estes da ordem da atenção/comportamento, leitura/escrita, dentre outros, que ao serem considerados como doença recebem a denominação de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia respectivamente, os mais comuns em espaço escolar (VIÉGAS et al., 2014).

A educação brasileira historicamente apresenta certa ineficiência em atingir os objetivos propostos nas políticas públicas direcionadas à educação.

De modo recorrente, a expressão “fracasso escolar” tem sido usada para designar o crônico problema educacional. Porém, ao mesmo tempo, constrói representações sobre esse problema ao remeter, de modo explícito ou subliminar, a um “precário desempenho escolar” das crianças (MOYSÉS; COLLARES, 2014, p. 47, grifos das autoras).

Collares e Moysés (1994) ainda acrescentam, que na 1ª série do Ensino Fundamental, de 50 a 70% dos alunos que fracassam, “o diagnóstico é centrado no aluno, chegando no máximo até sua família; a instituição escolar, a política educacional raramente são questionadas no cotidiano da escola” (COLLARES; MOYSÉS, 1994, p. 26). Partindo desse pressuposto, a expansão em números da escola brasileira, proporcionando acesso as classes populares na década de 1960, torna-se justificativa para o fracasso escolar. Medicalizar o fracasso escolar e incorporar tal posicionamento ao senso comum são formas de escamotear o contexto social com seus problemas, diferenças e preconceitos. (COLLARES; MOYSÉS, 1994) A patologização do fracasso escolar leva a rotulação de crianças normais e desvalorização do professor, pois cada vez mais este se mostra inapto a lidar com tantas patologias. Dessa forma “o espaço escolar, voltado para aprendizagem, para a normalidade, para o saudável, transforma-se em espaço clínico, voltado para os erros e distúrbios” (COLLARES; MOYSÉS, 1994, p. 29-31).

Segundo Patto (2008), na década de 1970, mais precisamente no ano de 1977, são feitos muitos estudos e pesquisas sobre a produção do fracasso escolar, não buscando suas causas nas características psicossociais do aluno, mas voltando o olhar para o sistema escolar como responsável por esta produção. Por outro lado, percebeu-se que, os diversos estudos realizados nessa época no país, não estavam afinados com os estudos estrangeiros, e que as pesquisas brasileiras tendiam a repetir o discurso do período do escolanovismo, o de que a escola era inadequada a *clientela escolar*, assim como outros aspectos, o da teoria da diferença cultural e intraescolares com a inadequação da clientela. Posteriores estudos, na década de 1980, mostraram que ainda se faziam recorrentes algumas afirmações sobre as características da clientela que fracassa na escola:

- 1) As dificuldades de aprendizagem escolar da criança pobre decorrem de suas condições de vida.
- 2) A escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir, em sala de aula, tendo em mente um aluno ideal.
- 3) Os professores não entendem ou discriminam seus alunos de classe baixa por terem pouca sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito dos padrões culturais dos alunos pobres, em função de sua condição de classe média. (PATTO, 2008, p. 157-162).

Por outro lado, na busca por explicações para o problema do fracasso escolar, os trabalhos parecem negligenciar a importância de uma concepção de homem constituída em um contexto histórico e cultural. A esse respeito, o referencial Histórico Cultural trata da concepção de um indivíduo que quando nasce já encontra uma sociedade e uma cultura já construídas e que estão em constante movimento, logo, esse indivíduo só poderá desenvolver-se participando desse meio e relacionando-se com o outro através da linguagem. Assim, para compreender o homem é necessário analisá-lo criticamente com o olhar sob sua condição numa sociedade capitalista (MEIRA, 2007). Ao considerar também tais aspectos no processo de formação humana, seria uma forma de construir um posicionamento contrário ao processo de medicalização, uma vez que este se fundamenta unicamente em explicações biológicas para os modos de ser e comportar.

Facci (2004) destaca que tal consideração a respeito do desenvolvimento humano tem início com os trabalhos de Vigotski. O mesmo propõe um entendimento do psiquismo humano mediante uma proposta de busca desse conhecimento a fundo, apropriando-se de maneira particular do marxismo, mais precisamente, do método histórico dialético, considerando a base histórica como aspecto importante para o desenvolvimento humano, ou melhor, considera que o processo de desenvolvimento mantém relação direta com as transformações históricas.

Segundo essa vertente para além do desenvolvimento biológico há também um desenvolvimento histórico.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, quando se trata do desenvolvimento humano, este deve ser considerado de maneira relacionada ao contexto sócio histórico, ou seja, o indivíduo no processo de apropriação do mundo e da cultura acumulada é que aprende a ser homem. Meira (2007) afirma que para Vigotski existe uma relação entre aprendizagem e desenvolvimento, os quais podem ser independentes, mas o segundo pode progredir se o primeiro for mediado de maneira organizada. Desse ponto de vista, os processos psicológicos humanos vão do interpessoal para o intrapessoal, ou seja, do social para o individual, daí a importância do trabalho pedagógico. Não esquecendo que, o aspecto biológico não é possível de ser descartado, pois o mesmo é quem dá condições para que o indivíduo seja considerado apto para desenvolver outras aptidões através das relações sociais, e que esta seria unicamente sua condição. Desse modo, é indiscutível a relevância do meio e do outro no processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, logo, “[...] no início da vida os fatores biológicos desempenham um papel mais marcante, mas na medida em que a criança intensifica suas relações com o mundo, a cultura passa a ser o elemento decisivo na definição dos rumos do desenvolvimento” (MEIRA, 2007, p. 49).

Vygotsky (2005, p. 14) esclarece que as funções psicológicas superiores são construídas no curso da história humana, ou seja, surgem duas vezes ao longo do desenvolvimento infantil, “a primeira vez nas atividades coletivas, [...] sociais, ou seja, como funções intersíquicas; a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento [...], ou seja, como funções intrapsíquicas”. Diante tal colocação, como considerar que funções como a atenção, ou mais especificamente, problemas no processamento desta, seriam unicamente de fundo biológico?

Ademais, Vygotsky (2005) nos traz um novo elemento no que se refere a relação desenvolvimento/aprendizagem. Esta última muito relacionada aos problemas no processo de escolarização com possibilidade de ser justificada como um não-aprender de origem patológica. O autor apresenta para entendimento e solução do problema dos processos de desenvolvimento/aprendizagem na escola, “a teoria da área de desenvolvimento potencial” (VYGOTSKY, 2005, p. 11). Para ele é necessário eleger pelo menos dois níveis de desenvolvimento, que seriam o nível de desenvolvimento efetivo e o nível de desenvolvimento potencial da criança. O primeiro consiste em etapa do processo de desenvolvimento já realizada, ou melhor, as funções psicológicas superiores já alcançadas através desse processo, enquanto que o segundo mostra o que a criança é capaz de fazer tendo o auxílio de um adulto/outro. Ou melhor, “a diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança”

(VYGOTSKY, 2005, p. 11). A utilização desse método permite conhecer o que a criança já desenvolveu efetivamente até determinado momento, mas também o que ainda está em processo de amadurecimento e desenvolvimento.

Mediante todas essas considerações e o material coletado em campo trabalhamos com um conjunto de três categorias temáticas, a saber: Concepção docente e medicalização do fracasso escolar, Medicalização e diagnóstico e O processo de encaminhamento, diagnóstico e a medicalização, das quais apresentamos aqui as discussões iniciais referentes a primeira categoria de análise.

## **Metodologia/procedimentos utilizados**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente realizamos busca na literatura acadêmica por discussões que envolvessem a temática da medicalização na educação, no intuito da aproximação com essa abordagem na área da educação, mais precisamente, com as discussões que conceituam e se posicionam frente aos problemas no processo de escolarização recentemente, ou seja, frente a medicalização da educação. Para além da aproximação com as discussões acadêmicas, esse trabalho também se fez necessário do ponto de vista teórico-metodológico, uma vez que a forma como foram conduzidas as pesquisas e o tratamento dado aos sujeitos participantes auxiliaram nas escolhas para o nosso trabalho. Patto (2008) afirma que a revisão de literatura aliada ao relato da pesquisa proporciona estar em permanente produção de conhecimento, examinando o que já foi produzido e propondo novas sínteses e discussões.

Desse modo, inicialmente, realizamos uma busca, no mês de abril de 2015, por trabalhos em bancos de teses, dissertações e artigos da Capes<sup>5</sup>, BDTD<sup>6</sup>, Grupos de Trabalhos da Anped<sup>7</sup> Nacional (GT10 Alfabetização, Leitura e Escrita, GT13 Educação Fundamental, GT15 Educação Especial e GT20 Psicologia da Educação) e Scielo<sup>8</sup> nos últimos dez anos, 2005 a 2015. Nos bancos de dados Capes, BDTD e Scielo foram utilizadas e feitas combinações entre as palavras-chaves: medicalização, fracasso escolar, medicalização e fracasso escolar, medicalização e educação, medicalização do fracasso escolar, medicalização e anos iniciais do ensino fundamental, fracasso escolar e anos iniciais do ensino fundamental. Já nos grupos de trabalho da Anped foram analisados os temas dos trabalhos que tinham relação com as palavras-chaves, já que estes em suas respectivas páginas não oferecem a opção de busca por palavras.

---

5 Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior.

6 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

7 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

8 Scientific Electronic Library Online.

A instituição selecionada para a pesquisa atende alunos da primeira etapa do ensino fundamental, mais precisamente 1º, 2º e 3º anos. A escolha dos anos iniciais se deveu ao fato de ser nesta etapa da escolarização que se inclui a faixa etária dos sete anos, idade cronológica utilizada como critério para alguns diagnósticos de acordo com o DSM IV (2002). Alguns dos diagnósticos de transtornos mais comuns são os de TDAH<sup>9</sup>, Dislexia e Discalculia, os quais se manifestam preferencialmente em espaço escolar.

Para viabilidade da pesquisa foi solicitada autorização junto a Secretaria de Educação do município, bem como autorização das participantes. Nessa ocasião também foram fornecidos esclarecimentos quanto ao estudo, seus objetivos, garantia de anonimato, informações sobre a entrevista, responsabilidade dos pesquisadores, entre outros assuntos, pautados nos cuidados éticos preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

As idas a campo tiveram como objetivo a realização das entrevistas e o levantamento de informações em documentos (diagnósticos e relatórios) dos alunos considerados com problemas no processo de escolarização. É importante ressaltar que a escolha das participantes se deu pelo fato de estas trabalharem diretamente com alunos de uma etapa inicial do ensino onde o processo de escolarização/alfabetização, ou mais precisamente os problemas neste, podem ser relacionados a supostos diagnósticos de alguns transtornos. Utilizamos como procedimento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, pois, como afirmam Ludke e André (2014, p. 39), este tipo de entrevista, proporciona ao entrevistado falar sobre o tema proposto de forma a expor as informações que sabe e “que no fundo são a verdadeira razão da entrevista”. Todas as entrevistas foram relatadas em caderno de campo e gravadas com consentimento formal das participantes. O material coletado está sendo selecionado e organizado utilizando de alguns elementos da análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e analisado junto a Teoria Histórico-Cultural.

## **Discussão e resultados**

### **Medicalização do fracasso escolar: entre a concepção docente e medicalização da vida**

Apresentaremos as discussões de forma a seguir os eixos trabalhados nas entrevistas, os quais abordaram primeiramente uma visão geral do trabalho de professor atualmente, para em seguida tratar dos problemas enfrentados neste e mais especificamente dos problemas enfrentados em sala de aula. Uma forma de

---

9 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

contextualizar e situar o entrevistado a fim de perceber como esses problemas se traduzem em fracasso escolar chegando até as concepções sobre medicalização desse fracasso. Como dito anteriormente, aqui trataremos do eixo em que as professoras apresentam situações de enfrentamentos no trabalho docente.

### Contextualizando a concepção docente: enfrentamentos no trabalho escolar

Em se tratando de uma visão mais geral sobre o trabalho docente atualmente, as professoras apresentaram considerações que de certa forma há décadas persistem na educação brasileira. Patto (2008), em trabalho realizado sobre a problemática do fracasso escolar, mostra algumas discussões em cenário educacional brasileiro, a exemplo de artigos publicados na década de 80/90. Destes, alguns chamam a atenção por considerarem que o estado precário em que se encontrava a escola primária naquela época era devido a fatores como o social, o médico, o psicológico e o pedagógico. Assim, sob esse ponto de vista, as professoras consideram que também há outros fatores envolvidos no trabalho docente, aspectos da ordem das condições de trabalho e da participação dos envolvidos na comunidade escolar, ou seja, gestão escolar, alunos e família. Segundo elas, o trabalho educativo envolve uma série de aspectos, desde a estrutura de funcionamento e organização da instituição até a participação dos atores nela envolvidos como funcionários e familiares. Porém, algo importante a se pontuar, é o fato de o trabalho pedagógico ter sido considerado, somente do ponto de vista de que este não acontece de maneira efetiva devido aos diversos problemas mencionados no todo educativo. Sobre este aspecto algumas das professoras afirmam

*Eu acho que o trabalho do professor... eu gosto muito, em primeiro lugar eu gosto muito de ser professora, mas eu sinto dificuldade com relação aos alunos mesmo, aos pais dos alunos que são muito desligados, que poderiam estar mais juntos com seus filhos, e... da gestão também que poderia ajudar mais os professores, estar mais atenta, colaborar. A gente não tem muito acesso a outros tipos de material. Nós não temos esse subsídio. (Regina)*

*Acho que falta apoio. Acho que tinha que ter mais apoio, mais assistência pedagógica (...), de coordenação. Acho que falta também o apoio dos pais. As vezes (...) mais material. Tem aqueles lá, mas (...) acho que já tá muito ultrapassado. (Fernanda)*

*Não vejo muita coisa boa não, a gente tem sempre aquela frustração de você querer fazer mais (...) ter idéias, ter as coisas em mente de fazer, de trabalhar com seu aluno e muitas vezes não consegue porque não depende só da gente. Tem aquela burocracia. As vezes não tem aquele apoio (...) o apoio do material, o apoio necessário pra te estimular, pra incentivar.*

*Porque idéia e vontade eu acho que todo professor que gosta mesmo tem, mas nem sempre aquilo é colocado em prática, não devido a ele, devido a burocracia que existe. (Olívia)*

*Tem a falta às vezes de espaço físico (...). Dependendo do que você vai fazer, uma atividade que demanda espaço, às vezes você não tem o espaço físico adequado. A questão de material adequado. Funcionário na escola, por exemplo, às vezes você precisa de um funcionário pra te ajudar numa determinada tarefa e não tem. A questão dos pais. Às vezes a gente encontra barreiras com a direção, com a coordenação, porque as vezes não pensa do mesmo jeito. (Clara)*

*A cooperação dos pais. Escola-família. Infelizmente a escola está andando sozinha. Não são todos os pais que tem comprometimento. Tem a dificuldade dos materiais pedagógicos. Os livros não são assim tão bem adequados pro nível dos alunos. Sempre aproveitando o livro de um ano depois do outro ano. Falta muita xerox, jogos pra gente trabalhar com eles. (Eva)*

Tuleski e Eidt (2007, p. 533) esclarecem que

[...] as crianças devem ser entendidas como indivíduos que se desenvolvem ou não, a partir do que o meio sociocultural lhes disponibiliza não só concretamente, em termos de oferta de instrumentos materiais necessários para a aprendizagem, mas também dos processos de raciocínio que o homem adquiriu ao longo de milhares de anos de evolução.

Reiterando Souza (2014) mostra que alguns aspectos contribuem para uma piora no quadro da educação, sendo a comunicação e/ou a falta desta entre os alunos, o professor visto como detentor do saber em contraste com o grande acesso a informação atualmente, a pouca importância dada ao movimento do corpo, a exigida passividade do aluno frente ao ensino e a valorização de letra cursiva em tempos de recursos tecnológicos. Percebemos alguns desses aspectos na fala da professora Regina, quando expõe sobre os enfrentamentos em seu trabalho atualmente, “o que eu acho dificuldade de trabalhar, é que os alunos estão muito conectados, além da metodologia que a gente utiliza, porque é um método muito tradicional”.

Outro ponto é o fato de o processo educativo também não ter sido considerado como inserido em um contexto mais amplo, político-social e econômico. Sem deixar de destacar as colocações de uma das professoras sobre o aspecto político envolvido, porém este foi tratado de maneira mais específica e não como um aspecto ligado a um contexto político educacional brasileiro.

*O problema que existe na escola é política envolvida. Não vê o professor como um professor. A escola não deveria ser assim. Todo mundo tá aqui trabalhando pra desenvolver um trabalho (...) a gente tem é que apoiar, que incentivar. Porque a gente trabalha com pessoas, crianças. Somos formadores de formadores, futuros formadores. Eu acho que o ponto mais negativo que eu vejo é isso. Porque a escola tinha como ser melhor se fosse uma equipe mesmo. Não existe um trabalho focado na educação, não tem isso. (Olívia)*

Notamos que nessa parte da entrevista, no eixo que tratou da percepção das professoras sobre seu trabalho atualmente, foi dada maior ênfase em problemas de estrutura e organização pedagógica no início das entrevistas, que em problemas com os participantes do processo ensino-aprendizagem, nesse caso alunos e professores. Destacamos também que uma das professoras não pontuou aspectos positivos em relação ao trabalho docente e duas das professoras também não apresentaram possíveis soluções para os dilemas enfrentados, assim como as outras professoras o fizeram. Sobre o aspecto pedagógico em seu trabalho, mais precisamente em um dos artigos analisados, Patto (2008) analisa que o documento

[...] ressalta a importância capital do próprio processo de ensino no sucesso da escola; a seu ver, este “não pode ser isolado da vida” e “precisa despertar o interesse da criança”. [...] De um lado, atribui a situação da escola brasileira à má qualidade do corpo docente, [...]; de outro, a uma política educacional que insiste em destinar ao primeiro ano professores sem a necessária motivação e vocação que a alfabetização exige. (PATTO, 2008, p. 119).

Entretanto, a autora esclarece que, este mesmo documento, em se tratando do fator social, cai em incoerência e atribui as dificuldades escolares ao aluno e seu ambiente familiar e cultural. (PATTO, 2008). Semelhante a tais considerações, sentimos falta, nas afirmações das professoras, da consideração de aspectos voltados para a participação efetiva do professor no trabalho docente atualmente, ou melhor, no processo ensino-aprendizagem, em contrapartida ao reforço dado a fatores de ordem administrativa e de gestão. Ressaltando que, na fala das professoras, os problemas enfrentados por elas, especificamente na parte pedagógica, são frutos dos problemas enfrentados nos diversos outros aspectos envolvidos no processo educativo.

## **Conclusões**

De maneira geral, percebemos que as professoras demonstraram em seus depoimentos, indícios de que existem problemas no processo educativo como

um todo e de aprendizagem em suas salas, sem conseguirem mencionar problemas no processo ensino-aprendizagem. Acreditamos que, nesse contexto, melhor ajudaria, um olhar mais crítico, fundamentado em discussões sobre o processo ensino-aprendizagem que leva em conta aspectos históricos e culturais na formação do indivíduo. Pois, concordamos com a colocação de que o desenvolvimento do indivíduo é um processo contextualizado que considera uma série de aspectos com os quais o sujeito dialoga. Ou seja, o desenvolvimento humano acontece de maneira integral, e ainda no fato de que o processo ensino-aprendizagem não deve se apresentar como via de mão única, somente sob a perspectiva do educando. Segundo tal concepção, o homem é um ser social e as condições sociais é que o determinam. Para se compreender o homem é necessário analisá-lo criticamente sob o olhar de sua condição numa sociedade capitalista. Além de que, para um posicionamento que vai na contramão da medicalização do fracasso escolar, a reflexão dialética proporciona a compreensão do movimento nos fenômenos, sua totalidade e dicotomias entre essência/aparência, parte/todo (MEIRA, 2007).

É necessário considerarmos todos os aspectos envolvidos no processo educativo, bem como os problemas enfrentados neste, e como eles relacionam entre si em função de um entendimento do processo de medicalização no espaço escolar. Pois na ausência de uma compreensão mais geral dos problemas enfrentados podemos presumir que a medicalização do fracasso escolar possa se fazer presente nesse ambiente. O que é preocupante uma vez que proporciona que o número de crianças com diagnóstico e tratamento medicamentoso possa aumentar significativamente. Reiteramos que a falta de conhecimento a respeito da medicalização e o problema com os conceitos a respeito do fracasso escolar, do ponto de vista da ciência e farmacologia, podem contribuir para o fortalecimento do processo de medicalização do ensino.

## Referências

- ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho-comite-cientifico/grupos-de-trabalho/grupos-de-trabalho>> Acesso em: 10 abr. 2015.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Edição revista e atualizada, Lisboa: Edições 70, 2009. (1ª ed. 1977)
- BDTD. Banco Digital Teses Dissertações. Disponível em:<<http://bdt.d.ibict.br>> Acesso em 20 abr. 2015.

- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/2012**, de 12 de dezembro de 2012 que estabelece as normas para pesquisa com seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, 12 de dezembro de 2012.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>> Acesso em: 15 abr. 2015.
- COLLARES, C. L.; MOISÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (A Patologização da Educação). *Série Ideias*, n. 23, São Paulo, p. 25-31, 1994.
- DSM-IV-TR™. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Tradução de Cláudia Dornelles. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.
- MEIRA, M. E. M. Para uma crítica da medicalização na educação. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 16, n.1, p. 136-142, jan/jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. Psicologia Histórico-Cultural: Fundamentos, Pressupostos e Articulações com a Psicologia da Educação. In: MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Orgs.) **Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 27-62.
- MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Medicalização do comportamento e da aprendizagem: a nova face do obscurantismo. In: VIÉGAS, L. de S. (Org.) **Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?** Salvador: EDU-FBA, 2014. p. 19-43.
- PATTO, M. de S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- SCIELO. *Scientific Electronic Library Online*. Disponível em:<<http://www.scielo.org/php/index.php>> Acesso em 05 abr. 2015.

- SOUZA, M. P. R. de. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; GRUPO INTERINSTITUCIONAL QUEIXA ESCOLAR. **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 193-214.
- SOUZA, B. de P. Puxando o tapete da medicalização do ensino: uma outra educação possível. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 299-316, jan./abr. 2014.
- TULESKI, S. C.; EIDT, N. M. Repensando os Distúrbios de Aprendizagem a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007.
- UNTOIGLICH, G. Medicalização e Patologização da Vida: situação das Infâncias na América Latina. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 20-38, jan./abr. 2014.
- VIÉGAS, Lygia de Sousa (Org.) **Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?** Salvador: EDUFBA, 2014.
- VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. et. al. **Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. p. 01-17.